

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA**

**A PROGRAMAÇÃO DO CINE TEATRO UBERLÂNDIA EM
1944**

PAULO EDUARDO DE OLIVEIRA TORRES

2181

S. 19
10

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Centro de Documentação e Pesquisa em
História - CDPH
Campus São João - Bloco 10 (Antigo Mineirão)
Av. Universitária S/Nº
Tel. 38400.902 - Uberlândia - M.G. - 38400-900

PAULO EDUARDO DE OLIVEIRA TORRES

**A PROGRAMAÇÃO DO CINE TEATRO UBERLÂNDIA EM
1944**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação da Prof. Dr. Alcides Freire Ramos .

Uberlândia, setembro de 2003.

PAULO EDUARDO DE OLIVEIRA TORRES

**A PROGRAMAÇÃO DO CINE TEATRO EMUBERLÂNDIA
1944**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alcides Freire Ramos – Orientador

Prof. Ms. Aguinaldo Rodrigues Gomes

Prof. Ms. Marcos Antonio de Menezes

**Dedico este trabalho a
minha esposa Maria José,
que tem sido sempre um
esteio em todos os
momentos da minha vida.
Aos meus filhos queridos:
Bárbara, Dudu e Anna
Luisa.**

Agradecimentos

Agradeço a todos os professores do Instituto de História que, de uma maneira ou de outra, me auxiliaram a chegar ao final desta jornada.

Agradeço também ao funcionário João Batista, da Coordenação do Instituto de História, por sua dedicação.

Aos meus pais, grandes companheiros em todos os momentos da minha vida.

Ao professor Mestre Marcos Antonio de Menezes, à professora Dra. Rosângela Patriota e ao professor Mestre Aguinaldo Rodrigues Gomes de tê-los como interlocutores.

Ao Dr. Oscar Virgílio pelas dicas sobre a questão da legislação e os comentários a respeito do espírito da censura.

Paulo Eduardo de Oliveira Torres

Sumário

Introdução	p.10
Capítulo I –Contorno Urbano do Lazer em Uberlândia	p. 14
Capítulo II –Censura ou formalidade?	P.28
Capítulo III – O Conteúdo da Programação	p.41
Considerações Finais	p.51
Bibliografia	p. 53

Introdução

Introdução

Por um profundo gosto pessoal, passei a me interessar por cinema muito jovem ainda. Foi lá pelos idos da década de 60, no cinema, que também era teatro, da igreja que freqüentávamos no subúrbio carioca da Piedade, no antigo estado da Guanabara, onde nasci. Era um grande poeira (ou pulgueiro) que exibia filmes bíblicos ou religiosos, tais como *BEN- HUR*, *O Manto Sagrado* e todos os anos, a mesma cópia *da Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo*.

A partir daí, o meu coração já batia a vinte e quatro quadros por segundo.

Eram tempos que ficariam para sempre grudados na minha memória. Lembranças dos filmes e dos cinemas. Os palácios que depois foram derrubados, relíquias arquitetônicas que se transformariam em igrejas pentecostais ou supermercados. Os cinemas que a Metro Goldwyn-Mayer fez construir para exhibir as suas produções.

O Metro Tijuca, Metro Copacabana e , por fim, o majestoso Metro Passeio, no centro do Rio com seus 1 mil e 501 lugares.

Mas a minha paixão pelo cinema se transformaria numa doce obrigação semanal, após mudarmos para Uberlândia, em 1964, onde passei a freqüentar sozinho as matinês do Cine Avenida e do Cine Teatro Uberlândia.

Depois do tradicional almoço de domingo, nos preparávamos para uma tarde, que se dependesse de nós, nunca teria fim.

Eram sessões duplas ou triplas, preenchidas por um cine-jornal, pelo tradicional Canal 100, que fazia vibrar a platéia, mostrando jogos de futebol, pelo

filme principal, que poderia ser uma aventura de Tarzan ou uma chanchada com Oscarito e Grande Otelo. E por fim os seriados, fonte inesgotável de emoção, como as Aventuras de Flash Gordon.

Esse período foi sedimentando o meu interesse pela sétima arte, até me levar a vários níveis de compreensão do cinema, não só como entretenimento, mas também como forma de expressão artística.

Essa paixão acabou por me levar a um trabalho informal no Centro Franco Brasileiro de Cultura, ligado à Universidade Federal de Uberlândia, palpitando por diversas vezes, nomes de filmes franceses para as mostras que o Centro promovia. Esta atitude me levou a estreitar relações com a professora Iolanda de Lima Freitas (primeira secretária de Cultura) que, posteriormente me convidou para trabalhar na Secretaria de Cultura onde, desde 1984 até hoje, permaneço ainda trabalhando na área de cinema e vídeo, especialmente na elaboração da programação de filmes.

Apesar de não termos a infra-estrutura ideal, foi possível manter uma programação alternativa de filmes, privilegiando também o cinema nacional. Quando se tem uma paixão, os horizontes do olhar e as atenções abarcam minúcias e detalhes como um colecionador de peças raras. Esse sentimento interferiu, sobremaneira, na escolha do tema, dificultando a opção.

Por um lado, ao achar que estamos tão inteirados de tudo, a pesquisa nos leva a perscrutar um outro lado da moeda: o objeto de estudo e interpretação se move como um “ser” à espera do diálogo com seu interlocutor.

Numa das idas ao Arquivo Público Municipal me deparei com um pequeno tesouro adormecido em caixas de papelão. Eram os folhetos de programação do Cine Teatro Uberlândia, datados de 1944. Ao folheá-los, comecei a pensar de que maneira eu poderia utilizá-los na minha monografia. E assim, após analisar vários exemplares, vi que estava diante do meu objeto de pesquisa.

Intitulada **A Programação do Cine Teatro Uberlândia em 1944**, a monografia está dividida em três capítulos.

O primeiro - **Contorno Urbano do Lazer em Uberlândia** - apresenta o processo de urbanização do Município, o desenvolvimento das diversas formas de entretenimento, com ênfase no cinema, destacando o Cine Teatro Uberlândia como símbolo da modernidade.

O segundo Capítulo – **Censura ou Formalidade?**- destaca a legislação concernente à diversão pública, incluindo o cinema, os instrumentos administrativos para a realização da suposta “censura” e suas atribuições no âmbito federal, estadual e municipal.

No terceiro Capítulo – **O Conteúdo da Programação** - trata da legitimação do Cine Teatro Uberlândia como importante espaço de lazer local, a estrutura de funcionamento das sessões, baseado no modelo americano, a programação e divulgação dos filmes.

Capítulo I

CONTORNO URBANO DO LAZER EM UBERLÂNDIA

Em 2003, Uberlândia, com seu meio milhão de habitantes, vê intensificar a indústria do entretenimento, e os espaços de lazer se tornam mais chamativos e sofisticados, especialmente em se tratando de determinados espaços de convivência coletiva, construídos para dar maior conforto e segurança aos seus visitantes.

Nos shoppings, as salas de cinema são bem equipadas tecnicamente e recebem um público cativo. Vivem uma verdadeira maratona, especialmente em dias de estréia de filmes e nos dias em que o preço dos ingressos é reduzido.¹ No centro da cidade resta apenas o Cine It , com uma programação de filmes (vídeos) pornográficos e shows eróticos ao vivo.

O Cine Regente, construído na década de 50, não mais abriga sessões de cinema e hoje espera uma negociação de venda do imóvel que dará lugar a um edifício comercial.

Se esse panorama atual dá ao cinema um destaque especial, nos anos 40, há quase 60 anos, o cinema em Uberlândia também vivia seu apogeu.

Um trecho da crônica do professor Pedro Bernardo Guimarães, comentando o comportamento da sociedade por ocasião da semana santa,

¹ A rede de cinema Cinemais do Center Shopping possui 10 salas de cinema: 4 salas com 260 lugares, 4 salas com 180 e 2 salas com 120. Ao todo, 2000 lugares. A média por mês de público varia entre 40 a 50 mil pessoas. Dados fornecidos por Octávio da Cunha Botelho, responsável pelo Setor Comercial do Cinemais.

publicada em 1944, nos dá a dimensão da importância do cinema para os moradores do núcleo urbano e da zona rural.

“

Até no Cinema.

Na diversão predileta do povo.

O motivo da película na sexta-feira é o tradicional: “ Nascimento , Vida e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo”.

A afluência às sessões exgota as bilheterias.

É o dia maximo da hebdomada.

Não comportaria outro têma ao filme.

Gente que nunca se vê no C.T.U. ou no Éden, lá aparece.

Até que no sabado rompem-se as Aleluias.

Volta a cidade ao esforço cótidiano

Grita novamente o Rádio que estava mudo.

E Uberlandia ri e canta na alegria da ressurreição.”²

Uberlândia vivia uma movimentação em torno de determinadas áreas de convivência. A geografia urbana construía uma espécie de traçado local, cuja organização econômica, comercial e social garantia uma tendência de lazer, quase sempre associada a necessidade de mobilidade, quer seja para o trabalho, quer seja para o divertimento.

Neste capítulo, procuramos destacar como o lazer no contexto urbano cria condições para uma sociabilidade mais positiva onde a experimentação do ser público se dá através de normas “tácitas” de convivência. E os cinemas em Uberlândia se tornam, como outros espaços, exemplos dessa experiência urbana de convívio público.

² GUIMARÃES, Pedro Bernardo. Crônica da Cidade. Jornal O Repórter: Uberlândia, quarta feira, 5 de abril, 1944, Ano 11, nº 670

Tomando como referência dois trabalhos acadêmicos – um de autoria de Luziano Macedo Pinto (monografia) e outro do professor Newton Dângelo (tese de doutorado) sobre a sociabilidade de matinés e sobre os lazeres em Uberlândia, respectivamente, a abordagem por eles propostas abriu caminho para que pudéssemos considerar o lazer inserido numa perspectiva que dá aos cinemas de Uberlândia em 1940 a dimensão da convivência pública. O enfoque se concentra no entorno e no CTU – Cine Teatro Uberlândia como espaço-temporal de importância na sociabilidade e lazer dos habitantes³.

Em 1938, a cidade se dividia em duas zonas - urbana e suburbana - subdivididas em partes: central, comercial, industrial e residencial.⁴

A parte central da zona urbana ficava assim definida geograficamente: trecho da Rua Vigário Dantas, a partir da Rua 15 de Novembro; Praça D. Pedro II, da Rua 15 de Novembro até a Avenida Cypriano Del Fávero; Av. Cypriano Del Fávero até a Rua Coronel Antonio Alves Pereira; Rua Coronel Antonio Alves Pereira, da Avenida Cypriano Del Fávero até a Avenida Cesário Alvim. Da esquina da Rua Coronel Antonio Alves Pereira até a Rua Guarany; Rua Guarany, da esquina da Av. Cesário Alvim até a Praça Rui Barbosa, na Silviano Brandão até a Praça

³ PINTO, Luziano Macedo. Sociabilidade de “matinée”: cinema em tempos de modernidade – Uberlândia (1937 –1952), Uberlândia, 1997. Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do título de bacharel em história à Universidade Federal de Uberlândia, sob a orientação da professora Karla Adriana Martins Bessa. DÂNGELO, Newton. Vozes da cidade: progresso, consumo e lazer ao som do rádio. Uberlândia 1939/1970. tese de doutorado em história pela PUC/SP, 2001.

⁴ Um decreto – lei, assinado pelo prefeito Vasco Giffoni, de 8 de janeiro de 1938, delimitava a cidade em duas zonas: urbana e suburbana. Estas por sua vez, eram subdivididas em áreas central, comercial, industrial e residencial. Fonte: Arquivo Público de Uberlândia.

Antonio Carlos (atual Praça Clarimundo Carneiro). Praça Antonio Carlos e Rua 15 de Novembro até a Rua Vigário Dantas.

A parte comercial ficava limitada, na parte central, às avenidas Floriano Peixoto e João Pinheiro; Rua Coronel Antonio Alves Pereira até Rua Bernardo Guimarães.

Portanto, fora deste núcleo central, considerando mais duas avenidas para o lado norte e noroeste, a importância da cidade ficava associada à concepção suburbana, uma imagem de discriminação, porque ela forçava uma ocupação em função das condições econômicas e sociais dos indivíduos e dos empreendimentos comerciais e industriais.

Essa visão nos possibilita a seguinte interpretação. Se o grau de destaque e importância da cidade era a zona urbana central, inclusive em se tratando dos melhoramentos dos serviços públicos, para ali também convergiam as atrações dos lazer mais “sofisticado”.

O processo de urbanização do município de Uberlândia, segundo Luiz Cláudio Silva Oliveira, de forma genérica, pode ser assim resumido, a partir de 1936 à 40:

“ Após 1936, o processo de expansão urbana contou com um novo agente de produção do espaço, a Empresa Uberlandense de Imóveis, que elegeu áreas específicas de valorização do solo construindo aproximadamente 1000 casas residenciais e comercializando mais de 30.000 lotes. Na Vila Operária foram instaladas algumas fábricas e habitações de trabalhadores. A cidade passou a ter um “centro” e um “subúrbio”; os bairros do Patrimônio, a Vila Operária e Martins . Durante os anos 30, a vida da cidade foi caracterizada pelas novas opções de lazer como os cassinos, mais cinemas e os grandes bailes, culminando com as inaugurações da primeira

estação de rádio, a PRC-6 e da antiga Pça. da República (atual Pça. Tubal Vilela)."

Na década de 40, foram concluídas e inauguradas as obras da nova Igreja matriz de Sta Terezinha, da nova Estação da Mogiana, da Rodoviária e do Mercado Municipal. Nesse período, verificou-se o crescimento das atividades comerciais e industriais, motivando o aumento da população por meio de migrações. Estes fatores, entre outros, fomentaram a expansão da cidade em diversas direções."⁵

Durante os anos 30 e 40, as novas opções de lazer foram se instalando em Uberlândia e quase sempre acompanhando um ambiente sociocultural de representações, fatos e lembranças de estreitas e veladas contradições.

Tarefa difícil é conhecer com precisão os padrões de comportamento e o nível de fruição e recepção de um grupo social em determinado período da história, mas a natureza do homem no meio em que vive é a adaptabilidade social.

Recorrendo à pesquisa do professor Newton Dângelo sobre os lazes e sociabilidade urbana em Uberlândia no período de 1900 a 1940, verifica-se como a sociedade uberabinhense e uberlandense absorvia a cultura letrada, como difundiam as informações e fatos cotidianos, como se locomoviam para desfrutarem o lazer e como, de certa forma, modificaram seu comportamento a partir da instalação da Rádio Difusora em 1939. O professor aponta também como o aspecto de ruralização das cidades do interior, nesse período, vai sendo tratado pelos programas de rádio, produzidos por Rio de Janeiro e São Paulo. A

⁵ Oliveira. Luiz Cláudio Silva Oliveira. Processo de urbanização de Uberlândia... Texto dos arquivos da Secretaria Municipal de Cultura, elaborado para a discussão teórico-metodológica do Projeto Depoimentos. 11 páginas.

sociedade deveria se preparar para uma modernização, supostamente fundada na busca de novidades.

No tempo das charretes, dos calçamentos a paralelepípedos, dos cassinos, do “footing”, do “trottoir” na avenida Afonso Pena, das idas dominicais à missa e às praças, do comércio de lenha, da fábrica de sabonetes e perfumaria, do moinho para industrializar o sal, do engenho de cana de açúcar, dos curtumes, das fábricas de açúcar e aguardente, da fábrica de banha, da charqueada, do mercador ambulante, dos armarinhos, dos “dancings”, cabarés, cafés cantantes, da Estação Mogiana, das confeitarias, dos bares, da Bar da Mineira, do Café Imperial, da Livraria kosmos, dos cinemas e tantas outras experiências coletivas, Uberlândia experimentava uma trajetória que, ao mesmo tempo era a materialização das contradições entre a chamada modernidade e as tradições rurais, entre cidade e campo, entre grandes centros e interior, entre crescer e civilizar-se.

Raciocinando por este viés, é possível considerar um nível de circulação de representações, valores, informações, modas e costumes, estilos de vida que, em graus distintos, eram recebidos e percebidos pelo conjunto da sociedade, naquele universo geográfico.

Na difusão deste estilo de vida, atuam efetivamente dois fatores sobremaneira importantes: a cultura urbanizada (realizada na Avenida Afonso Pena e adjacências, mais precisamente da Praça Antônio Carlos à Praça Tubal Vilela) quase sempre como tendência a retirar da pequena Uberlândia seu ar de

ruralidade e o sistema de comunicação de massa, intensificado neste período pelo sistema de radiodifusão e pelo cinema.

Participar das sessões de cinema , ir às missas, às festas religiosas, às praças, ouvir a banda, fazer fofocas, eram atividades e comportamentos que colocavam seus habitantes em contato com a realidade social. A imagem da sociedade que as próprias pessoas difundiam tendia a ser aceita na medida em que os espaços coletivos são espaços comuns a uma sociedade diferenciada, disputando os mesmos lazeres.

As possibilidades de sociabilidade na Uberlândia dos anos 40, vinham sendo construídas numa dinâmica que recortava o espaço geográfico do centro da cidade como espaço da sociabilidade requintada e elegante, cujos padrões de comportamento divisavam segmentos sociais, por vezes intensificando um velado processo de preconceitos e discriminação.

A concentração do lazer na parte central da cidade valorizava assim o aparecimento de espaços de refinado padrão. Os interesses eram expressivos por parte dos empreendedores, quer sejam na construção de um bar, quer seja na construção de salas de cinemas.

A arquiteta Raquel Rolnik, refletindo sobre como o lazer humaniza o espaço urbano, aponta o papel da cidade no contexto do entretenimento:

“ A idéia de cidade, a idéia de polis, a origem das cidades, surge do princípio da igualdade de diferenças: o fato cidade se funda na possibilidade de pessoas diferentes poderem viver em conjunto e estabelecer um contrato político entre elas. O milagre cidade se produz quando o homem, além de sua vida privada, de sua existência enquanto ser natural ou parte da natureza, cria uma espécie de segunda vida, uma espécie de bios político ou ser

político que se concretiza vivendo em conjunto com outras pessoas. A vida na cidade constitui-se não só pela convivência de pessoas diferentes, como também por sua participação de um contrato social que tem caráter público, contrato tácito baseado na palavra e na persuasão, na não-violência e na não- força. Através da linguagem, que não é o discurso da força e da violência , é possível estabelecer o espaço público, constituir de forma permanente o contrato. A essência do público – seja espaço, convívio ou identidade – que é feita de diferentes linguagens e falas, de troca de olhares, de bens e de amores, acabou minguando, senão regredindo para uma espécie de administração da sobrevivência imediata transformando-se em pura burocracia.”⁶ A dimensão pública vai perdendo cada vez mais sua dimensão política de contrato social e acaba reduzindo-se à administração do trânsito, da rede de água e de esgoto, etc. na verdade, o espaço público vai diminuindo ao ser capturado e privatizado, restando apenas e tão somente aquele necessário para a circulação de mercadorias, inclusive das mercadorias humanas; esvazia-se a dimensão coletiva e o uso multifuncional do espaço público da rua, do lugar de ficar, de encontro, de prazer, de lazer, de festa, de circo, de espetáculo, de venda. Assim, funções que recheavam o espaço público e lhe davam vida, migraram para dentro de áreas privadas, tornando-se , em grande parte, um espaço de circulação.”⁶

O período de euforia dos cinemas locais garante um entorno de comportamentos e atitudes bastante conhecidas por pessoas que viveram aquela época ou que dela tiveram lembranças.

Para a região de prestígio – o centro – convergem os habitantes quando se interessam pelas películas ou para as praças e paróquias.

Os pólos de confluência da população e os símbolos da civilização, os cinemas atraem e reiteram as condições do lazer dos segmentos sociais.

⁶ ROLNIK, Raquel. O lazer humaniza o espaço urbano. In: Lazer numa sociedade globalizada, SESC, São Paulo, 2000, p.179. Raquel Rolnik é arquiteta, professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo(USP) e da Pontifícia Universidade Católica de

O coração de Uberlândia pulsava na avenida Afonso Pena, porque ali abrigava o palco das novidades, o ponto dos encontros, dos passeios circulares, dos intelectuais na Livraria Kosmos, do *fotting* e do *trottoir*:

“Em meio a este cenário vamos encontrar o mais famoso cinema que Uberlândia já teve, o Cine Teatro Uberlândia, em pleno coração da promissora urb, e ao lado dos principais pontos de discussões e encontros da sociedade uberlandense, ali perto do “Bar da Mineira”, local de encontro dos pecuaristas, agricultores, homens de negócios; perto também do “Café Imperial”, em que , como coloca o prof. Pedro Bernardo, desde o título, há certa feição mais calma e afidalgada, é da preferência do setor cultural em foco .Em que professores, jornalistas e intelectuais tecem suas teses que variam no infinito”. Neste local, sentencia o nosso cronista, “ o prof. Nelson Cupertino descobriu vitaminas não estudadas nos laboratórios”, em meio às discussões das notícias e análises literárias regadas ao sabor do gostoso <<moka>> em cura bôra espumante. Em meio a todos estes locais também aparece o “Bar Baiano”, ponto da miscelânea democrática, onde se encontram as múltiplas classes sociais.”⁷

E mais adiante o pesquisador , acrescenta:

“ Em meio a todo este universo destaca-se como lócus de sociabilidade o Cine Teatro Uberlândia, local onde habitués se desfazem das preocupações do labor, em que as preocupações do cotidiano “ parecem” desfazer-se em meio às viagens que os celulóides proporcionavam, pois era em frente ao CTU que o footing alcançava o seu ponto máximo.”⁸

Se a primazia do cinema era incontestável, e a prática do entretenimento vivia um momento de inteira estreiteza de convívio público, as possibilidades dos lazeres na década de 40 ainda teciam uma jornada urbana mais saudável e positiva

Campinas. Autora de O que é a cidade?; A cidade é a lei ; Política urbana; Territórios na cidade de São Paulo.

⁷ PINTO, Luziano Macedo. Sociabilidade de “Matinéas”: cinema em tempos de modernidade – Uberlândia (1937 – 1952), 1997 Monografia pp. 45 e 47.

apesar dos preconceitos visíveis de discriminação racial e até social. O espaço público do cinema também possibilitava a inserção dos diversos cidadãos no momentos comuns de diversão.

“Nesse sentido, foi possível compreender o cinema uberabinhense e uberlandense em dois momentos bem distintos, intercalados pela invenção da sonorização elétrica dos filmes em 1929: num primeiro momento, o cinema em formação enquanto espaço de lazer e de encontro, com recursos técnicos limitados e atraindo toda a cidade e a imprensa pela sua novidade em termos de linguagem e lazer, ainda sem uma distinção mais nítida quanto aos seus freqüentadores.

Num segundo momento, o cinema tornou-se mais profissional, o Cine Avenida passou a ser não só um ambiente de projeção de filmes, mas também para saraus e dramas teatrais. Novos cinemas foram inaugurados, como o Cine Uberlândia, Paratodos, Éden Cinema, Regente, os quais já assumiam identificações com espaços mais populares, dirigidos aos pobres, como o Éden e Paratodos, enquanto o Cine Teatro Uberlândia e o Regente tornaram-se os mais sofisticados e luxuosos para receber apenas a platéia que utilizasse gravata e estivesse bem vestida.”⁹

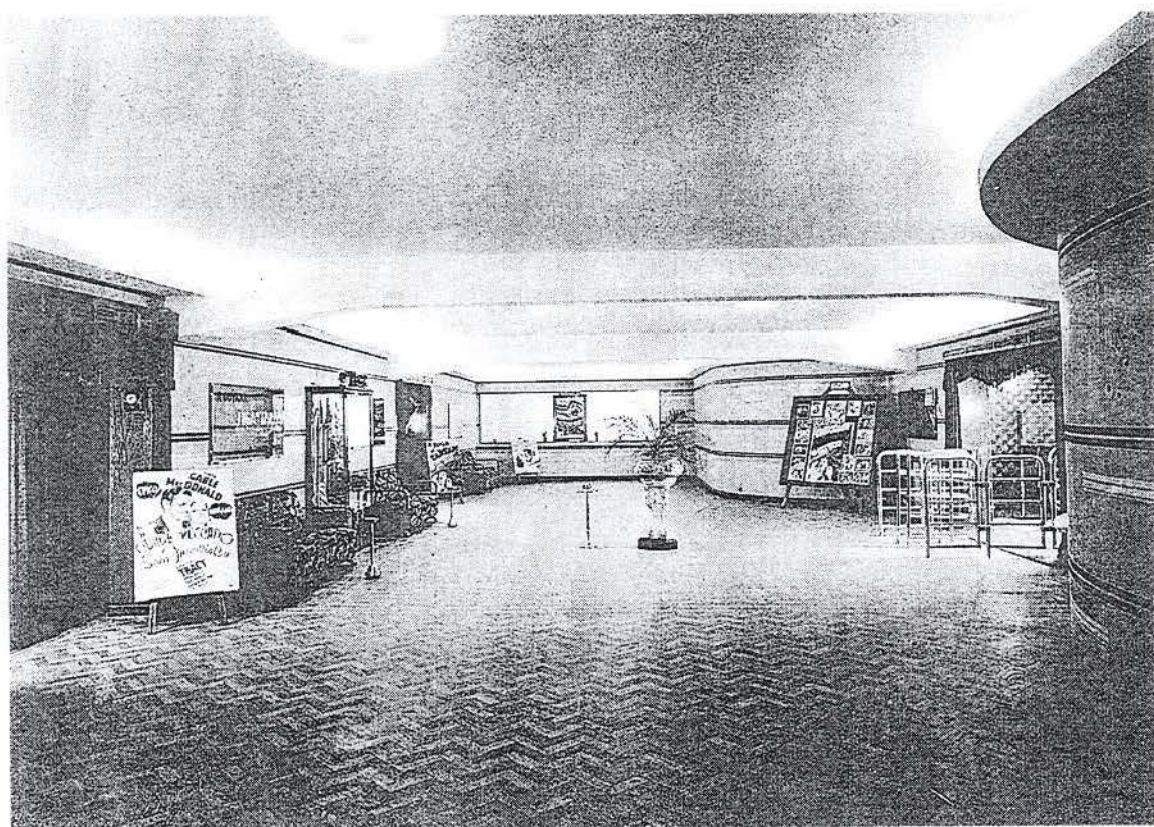
O contorno do lazer em Uberlândia, circunscrito à área central, funcionava como o ambiente propício para o habitante exercer o que Raquel Rolnik chama de segunda vida ou uma espécie de bios político, que possibilita o contrato socializante e socializador entre os indivíduos.

O CTU – Cine Teatro Uberlândia - passa a atrair o público, onde a fascinação, a arquitetura e a decoração luxuosa são sinônimos de modernidade, privilégio e sofisticação e os homens, as mulheres, as crianças e os jovens da

⁸ Idem. Ibidem. p.47

⁹ DÂNGELO, Newton. “Aquele povo feliz que ainda não sonhava com a invenção do rádio”. Cultura Popular, lazeres e sociabilidade urbana Uberlândia – 1900/1940. In: Vozes da cidade: progresso, consumo e lazer ao som do rádio. Uberlândia, 1939/1970, p.50,51.

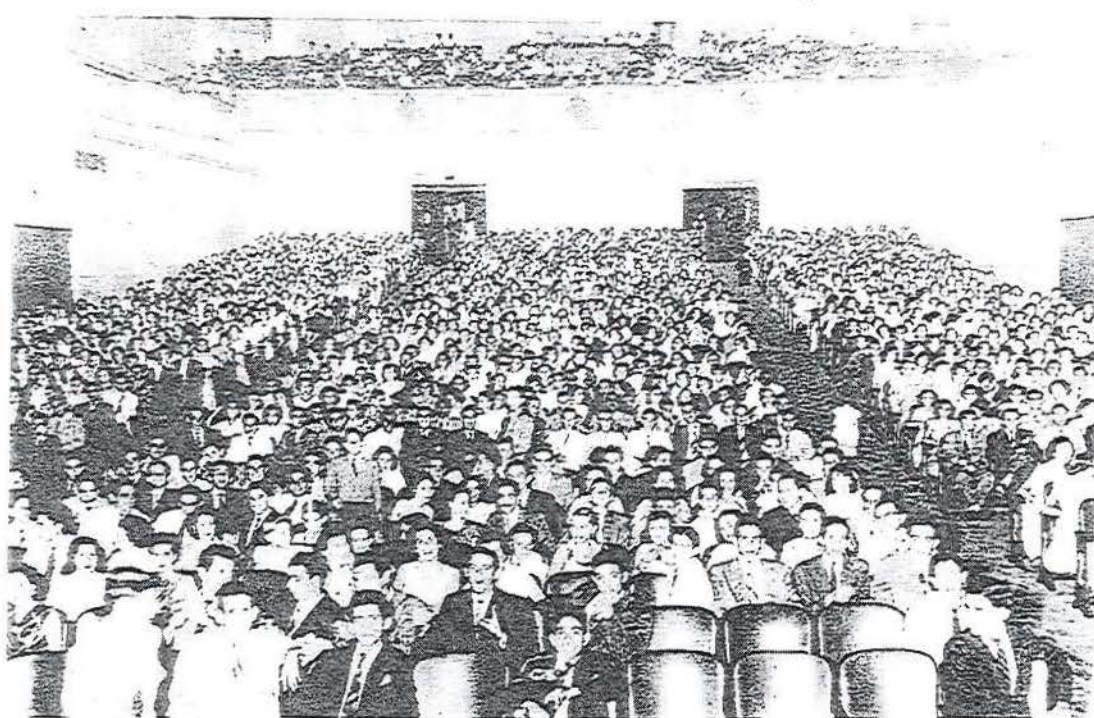
cidade usufruíam e precisavam usufruir deste espaço público como forma de legitimar seu ingresso à modernidade.



Hall de entrada do Cine Teatro Uberlândia



Fachada do Cine Teatro Uberlândia



Interior do Cine Teatro Uberlândia

CAPÍTULO II

Censura ou formalidade?

O DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda¹⁰ – tinha como objetivo “centralizar, coordenar, orientar e superintender a propaganda nacional interna ou externa e servir permanentemente como elemento auxiliar dos ministérios e entidades públicas e privadas na parte que interessa a propaganda nacional”. Por extensão, as atividades como teatro, cinema, rádio–difusão, produção literária e imprensa seriam controladas e fiscalizadas pelo órgão.

Trabalhando o conteúdo dos decretos-leis no período de 1937 a 1946, vamos encontrar uma temática que dá ao Estado brasileiro um caráter de censor oficial das atividades da sociedade civil, na área da diversão pública.

De 1939 a 1940, a preocupação do governo federal é institucionalizar, nos três níveis da federação, os departamentos encarregados de exercer a censura.

Nos Estados, criam-se os Departamentos Estaduais de Imprensa e Propaganda, com representação nos municípios, valorizando e fortalecendo este tipo de serviço no âmbito das cidades. Os encarregados destas atividades eram nomeados pelos governadores ou interventores, sempre com a anuência do diretor geral do DIP, nomeado pelo presidente da República, a quem estava diretamente subordinado .

1.

¹⁰

¹⁰ O Departamento de Imprensa e Propaganda é criado pelo decreto-lei nº 1915 de 27 de dezembro de 1939, diretamente subordinado ao Presidente da República. A estrutura do DIP, incluía as divisões: de Divulgação, Rádio-Difusão, Cinema e Teatro, Turismo, Imprensa e os Serviços Auxiliares.

É interessante destacar que, no decreto-lei nº 4.985, de 21 de novembro de 1942, o artigo 1º determina a destinação de um percentual no orçamento dos Estados para o exercício das competências do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda – DEIP.

“Art. 1º As funções do Departamento de Imprensa e Propaganda serão exercidas nos Estados com a cooperação dos respectivos governos que destinarão anualmente aos departamentos de que trata o artigo 3º, verba não inferior a 0,05% sobre o valor da receita orçamentária para cada exercício.”¹¹

Parte da receita dos Estados, ainda que pequena, vai ser destinada ao cumprimento das tarefas administrativas, o que demonstra a iniciativa governamental de institucionalizar os serviços, assegurando um suporte orçamentário para a execução das tarefas.

Os serviços de censura vão sendo consolidados e o poder executivo, por meio da estrutura oficial, vai formulando os instrumentos administrativos para a execução das tarefas de censura.

Em 1946, o decreto-lei nº 2.557 aprova o regulamento do serviço de censura e dispõe sobre quais seriam as suas atribuições.

Se em 1945, fim do governo Vargas o que permanece em relação à censura é, especialmente, o espírito da Constituição de 1937, com a chegada do governo Dutra, já no regime democrático, com uma nova constituição (a de 1946), as atribuições pertinentes à censura permanecem, inclusive com a criação de

¹¹ Legislação Federal. Decreto-Lei nº 2557 de 21 de novembro de 1942. p. 542.

instrumentos jurídicos pormenorizando as atividades dos censores em relação à diversão pública, incluindo o cinema.

O espírito da arbitrariedade do Estado é bem articulado nas disposições legais, inclusive detalhadas no decreto 20.493 de janeiro de 1946.

Nota-se que determinadas categorias de diversão são mais visadas e vão requerer censura prévia. São elas:

- “ I – As projeções cinematográficas;*
- II – as representações de peças teatrais;*
- III – as representações de variedade de qualquer espécie;*
- IV – as execuções de pantomimas e bailados;*
- V – as execuções de peças declamatórias;*
- VI – as execuções de discos cantados e falados, em qualquer gratuitamente ou mediante pagamento;*
- VII – as exibições de espécimes teratológicas;*
- VIII – as apresentações de prêmios, grupos, cordões, ranchos, etc., e estandartes carnavalescos;*
- IX – as propagandas e anúncios de qualquer natureza quando feitos em carros alegóricos ou de feição carnavalesca, ou, ainda, quando realizados por propagandistas em trajes característicos ou fora do comum;*
- X – a publicação de anúncios na imprensa ou em programas e a exibição de cartazes e fotografias, quando se referirem tais anúncios, cartazes e fotografias aos assuntos consignados nos números anteriores deste artigo;*
- XI – as peças teatrais, novelas e congêneres emitidas por meio do rádio;*
- XII – as exibições de televisão.”¹²*

No caso do cinema, o regulamento de 1946, normatiza a prática de censura e liberação dos filmes.

Nesse aspecto, o conteúdo do regulamento, enfatiza o documento Certificado de Aprovação como garantia legal da liberação.

¹² Legislação Federal. Decreto nº 20493, de 24 de janeiro de 1946. p.202

“Art 5º. Nenhum filme poderá ser exibido ao público sem censura prévia e sem um certificado de aprovação fornecido pelo serviço de Censura de Diversões Públicas do DFSP.

Parágrafo único – Ficam isentos de censura os filmes produzidos pelo Instituto nacional do Cinema Educativo do ministério da educação e saúde e demais órgãos oficiais.

Art. 6º. A censura de filmes será feita quando requerida pelo menos vinte quatro horas antes de sua projeção, salvo caso excepcional a critério do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas e devidamente justificado, por escrito,,pelo requerente.

Art. 7ºO certificado de aprovação referido no artigo 5º será fornecido após a projeção do filme perante os censores do SCDP.

§1º O certificado de aprovação autoriza a exibição do filme em todo o território nacional, isentando-o de qualquer outra censura ou pagamento de novas taxas, durante o período de sua validade.”¹³

No mesmo Regulamento, mais dez artigos fornecem as orientações a serem seguidas para as exibições dos filmes. Dentre eles, o que registra o prazo de cinco anos para validade do certificado de autorização.

Um outro aspecto é o da impropriedade dos filmes para crianças ou menores. Os filmes impróprios não poderiam ser exibidos, sem que os cartazes, anúncios, publicações na imprensa ou na bilheteria estampassem a faixa etária a qual se limitaria o filme. O SCDP , além de restringir a impropriedade do filme, censurava cenas que não poderiam ser exibidas nas peças publicitárias. Uma outra preocupação sobressai. A exibição de filmes de caráter educativo.

“ Art. 12 – Serão considerados educativos, a juízo do SCDP, os filmes que divulguem conhecimentos instrutivos, morais ou artísticos, ou contribuam, de diversas maneiras, para aprimorar a formação espiritual, a educação social e o valor intelectual ou artístico da assistência.

Art. 13 – Poderão ser recomendados para menores, ou para a juventude, os filmes capazes de despertar os bons sentimentos,

¹³ Idem. Ibidem. p 202.

as tendências artísticas, a curiosidade científica, o amor à pátria, à família e o respeito às instituições.

Art. 14 – A impropriedade dos filmes poderá ser declarada para crianças de até 10 anos, para crianças até 14 anos, ou para menores até 18 anos, a juízo do SCDP e tendo em vista preservar o espírito infantil ou juvenil de impressões excitantes, ou deprimentes, e de influências perturbadoras da sua formação moral ou intelectual.”¹⁴

O conjunto de valores e de juízo acerca da censura dos filmes neste período, realizado pelos censores é a extensão do espírito arbitrário e da violência amplamente executados pelo Governo Vargas.

Todo período histórico da vida política parece inaugurar novos conceitos de “modernização”. Uma noção reiterada pelos formulantes do Estado Novo e apoiada na figura de Getúlio Vargas é articular e executar um plano nacional de desenvolvimento e reordenamento de todo aparelho de Estado , na tentativa de pôr o país numa ordem social.

A fascistização do Estado , no entendimento de Elizabeth Cancelli , é suprimir os partidos e transformar o Estado no único regulador da vida social. É o Estado agindo diretamente na vida das pessoas sem intermediação.

A legislação no que se refere à diversão pública e ao comportamento social era invasiva à vida privada do cidadão e, por isto, a prática da censura , é num certo sentido a prática da violência como fundamento e ação ideológicos de manutenção da ordem.

¹⁴ Idem. Ibidem. p.203.

Elizabeth Cancelli, mesmo vertendo sua análise para a questão da violência no campo da força policial, nos faz perceber através de seus fundamentos interpretativos a escala da violência do poder do estado varguista. Para a professora, o poder policial no período pós-30 promove a vigilância constante de toda a sociedade

Por extensão, as atividades coletivas e públicas vão ser alvo deste estado equipado para pôr em prática um controle cada vez mais cerceador do pensamento , do discurso e das ações que poderiam pôr em risco o projeto político do nacionalismo, vislumbrado como categoria conceitual de ordem social e política,cujo objetivo era consolidar a integração dos homens sobre o solo brasileiro.

“A máquina de propaganda e doutrinação montada pelo regime no período pós-30 extrapolou todas as formas de propaganda estatal até então conhecidas ou sonhadas no país. Não foi apenas a criação do DIP ou a utilização do rádio e do cinema como meios de uniformização da massa e de sua visão de mundo faziam no cotidiano de cada pessoa mediada pela doutrinação ideológica. A perseguição empreendida pelo poder para atingir a todos fazia com que se criasse a “certeza de haver penetrado o dia-a-dia das conversas, na troca de impressões das pessoas, na capacidade de influir no gosto individual que reverte em considerações políticas”.

Não era certamente através da propaganda e da doutrinação que se instalava o terror. A propaganda, ela mesma, fazia parte de todo o aparato de terror, porque, antes de mais nada, condicionava todos os indivíduos, através do espectro de seres desesperados que eram, no interior de uma sociedade de massas, e, a partir do hábito de suas renúncias sistemáticas, fazia com que cada um se projetasse em promessas que visavam tocar nos mais íntimos desejos reprimidos. Esta propaganda induzia à certeza de que o novo regime providenciaria a toda sociedade um estado de felicidade futura. E era galgada na repetição sistemática de slogans, projeções e verdades fabricadas, espalhados por cada

meio de disseminação cultural que o estado tivesse a possibilidade de atingir ou criar.

A construção mítica do regime e sua preocupação em conceber uma nova história para o país, em seu passado e em seu futuro, revelavam a necessidade de apropriação do Estado de cada indivíduo em seu corpo e em sua alma. A propaganda e a doutrinação seguiam no caminho de despersonalização do indivíduo, não através da dominação de uma forma de sociedade. Isto é, da transformação do regime em sinônimo de estado, deste em sinônimo de sociedade, e da sociedade em sinônimo do líder e da sua vontade.”¹⁵

Na diversão pública, especialmente o cinema, que levava pequenas multidões às exhibições, o caráter do que devia ou não ser visto funcionava como uma sistemática de fragilizar as possibilidades de um processo criativo e de não permitir outras visões que não fossem as determinadas para o país.

A hierarquia da estrutura da máquina administrativa em Uberlândia era bem horizontalizada, como vemos na Lei 158 de 02 de março de 1951. O gabinete do prefeito e demais serviços executavam as tarefas de infra-estrutura e de melhoramentos urbanos, do comércio e dos serviços.

Em 1940, o Serviço de Educação e Saúde, um departamento diretamente ligado ao prefeito, entre suas atribuições e competências, concedia e fiscalizava a liberação de alvarás para o setor comercial, dentre eles, os das empresas de diversão pública.

A formalidade era cumprida por este Setor da Prefeitura, cujo encarregado executava a tarefa de aprovar ou não o programa de filmes.

¹⁵ CANCELLI, Elizabet. O contrapiso da violência. In _____. **O mundo da violência; a polícia na era Vargas.** Brasília, UNB, 1994, p.35 – 36.

No caso dos programas analisados, um pequeno conjunto de 212 peças, depositados no Arquivo Público Municipal, constituindo a Série Alvarás, concedidos pela Prefeitura a pessoas físicas e jurídicas, não se tem arquivado nenhum programa não-aprovado, reafirmando a hipótese de que o Setor cumpria uma mera formalidade na concessão dos alvarás. O que importava aos olhos do encarregado do DEIP na cidade era apor o carimbo com o respectivo autógrafo e tinha-se portanto o dever cumprido. No caso do comerciante, empresário do cinema, importava ter o programa liberado para cumprir uma programação tão esperada e que dava lucros a seus proprietário Nicomedes Alves dos Santos.

No contexto do processo de concessão de alvarás para a exibição de filmes no CTU – Cine Teatro Uberlândia, dois aspectos nos chamam a atenção: a mera formalidade da censura no Município e possivelmente a taxa de liberação destes alvarás de aprovação. Isto explica o fato do CTU ter uma grande platéia, auferir lucros com suas exibições e gerar recursos para a Prefeitura. Muito além da formalidade na censura, os objetivos de “mercado” impulsionavam para a troca elementar. Se o CTU dava lucros, era preciso que o estado pudesse participar desse lucro.

O oficialismo da censura dos filmes já havia ocorrido antes das cópias serem enviadas para as salas de exibições país afora. Portanto, em Uberlândia, os alvarás de aprovação dos filmes a serem exibidos no CTU cumprem a simples formalidade exigida pela máquina do Estado.

Para cumprir essa tarefa, o Estado despendeu tempo e dinheiro para uma tarefa quase “morta”. Desnecessária até. Daí acreditarmos na presença

do Estado como um braço de arrecadação de mais impostos, já que os alvarás de liberação deveriam ser fornecidos mediante pagamento de um pequeno numerário.

A repressão “legal” na dimensão da vida social cotidiana nos anos de 1944 nos informa o quanto as representações do poder ficam diluídas nos âmbitos da União, Estado e Municípios, reforçando a idéia do estado acima do bem e do mal, sugerindo ainda a proteção social contra os malefícios da arte ou diversão pública, como na terminologia corrente da época.

A pedagogia da censura era circunscrever nos domínios do estado a veiculação da produção artística. Colocar a público o que, na opinião e a juízo dos censores, não afetasse a moral e os bons costumes.

Em 1944, Uberlândia tinha como interventor, José Antônio de Vasconcelos Costa, nomeado pelo então governador de Minas Benedito Valadares.

“Então ele me disse: Olha, eu vou nomeá-lo, vou removê-lo para prefeito de Uberlândia, preciso de sua colaboração lá, preciso de resolver uma situação política, então vou manda-lo pra Uberlândia.”¹⁶

¹⁶ COSTA, José Antônio de Vasconcelos Projeto Depoimentos. Arquivo Público Municipal. Entrevista transcrita. p.8. Projeto Depoimentos realizado pela Seção de Documentação e Arquivo Público Municipal da Secretaria Municipal de Cultura. São depoimentos orais com 23 personalidades uberlandenses, dentre elas José Antônio de Vasconcelos Costa. As fitas bem como as transcrições se encontram à disposição do pesquisador no Arquivo Público Municipal. Neste depoimento público, Vasconcelos Costa fala sobre a família, estudos, o ingresso na política e vida profissional. Impressões sobre as viagens empreendidas pelo Brasil e exterior; nomeação e vinda para Uberlândia; relato sobre o exercício de seu mandato enquanto prefeito no período de 1943 a 1945; considerações sobre a política atual; citações sobre os ciclos da economia em Uberlândia; referência a Getúlio Vargas; revolução de 64; referências à demolição da igreja de N. Sra. do Carmo; relato de fatos ocorridos durante sua vida pública; participação no processo e mudança da capital do país; posição sobre a separação do Triângulo.

Em 1943, Vasconcelos Costa foi transferido para Uberlândia, vindo de Pouso Alegre, cidade do sul de Minas, onde exercia as funções de prefeito. Sua chegada a Uberlândia, descrita por ele, em seu depoimento à Secretaria de Cultura, aponta para o espírito autoritário do regime político vigente naquele momento.

“Quando cheguei à Prefeitura, de dez para onze da manhã, tinha um funcionário na porta, nesse prédio antigo onde é a Câmara hoje. Eu fui entrando, ele falou assim: “- O senhor não pode entrar não...” Eu falei: “-Por que eu não posso entrar?” “-É porque é proibido. É manhã, o prefeito não recebe, e tudo...” Eu disse: “- Mas aqui tem prefeito?” Ele disse: “-Não! “-Mas eu vou entrar, não tem importância. Onde é o gabinete do prefeito?” Ele me apontou onde é que era, eu fui lá, abri a porta. (Ele não gostou que eu tivesse aberto a porta). Eu me assentei na cadeira do prefeito e falei: “- Agora você vai me fazer um favor. Você vai me chamar o secretário da prefeitura.” Quando o secretário chegou, eu falei assim:” – Olha, eu sou o novo prefeito da cidade.” Então esse, esse rapaz, esse funcionário, coitado, ficou muito desapontado...”¹⁷

No mesmo depoimento, mais adiante, foi solicitado a falar se houve algum movimento de “rebeldia” na cidade, contra a ditadura getulista. Em suas lembranças, o ex-prefeito não demonstra nenhum sinal de conflito entre a sociedade uberlandense e o poder executivo.

“Não. Nenhum movimento, eu percebi. Que eu tinha ... eu tenho até muita acuidade política e percebo coisas, do instinto. Nasci com o instinto de , de observação. Nunca observei. Muita gente não gostava do Getúlio; é natural, né. É um país grande e tudo, tinha os prós e os contra do Getúlio Vargas, né. Mas nunca notei assim, muita... muita coisa profunda, nem contra Getúlio, nem contra o Valadares. Podiam muito ter antipatia, mas talvez por simpatia para comigo, por respeito a minha pessoa como prefeito, ninguém falava nada. Os mais íntimos, por exemplo, aqui eu, eu era PSD, do antigo PSD mineiro, né, ao qual pertencia o Dr.

¹⁷ Idem. Ibidem.p.9

Benedito Valadares e o Dr. Getúlio, que era o presidente de honra nacional do PSD. Mas grandes amigos meus daqui eram da UDN. O Dr. Jacy de Assis que era uma figura brilhante aqui, um dos homens mais cultos da cidade, tinha um, um belo escritório, uma biblioteca enorme; eu constantemente ia lá tomar um café com ele, conversar com o Jacy, tocar idéias com ele, uma prosa muito agradável, muito culto, muito inteligente e Nicomedes... Nicomedes Alves dos Santos, que todo mundo conheceu aqui em Uberlândia, um homem de projeção na vida econômica da cidade, que era udenista convicto, mas tinha por mim afeto, muita consideração. Estávamos sempre juntos, constantemente nos encontrávamos no bar da mineira para tomar um chopp, uma bebida e quase todo pessoal da UDN, eu não via exceção de nenhum udenista que em magoasse, que me reprimisse meus atos. Eu consultava muito o povo aqui, em conversa, o que eles achavam, se eu tava indo bem, se não tivesse poderiam ter franqueza comigo que eu receberia com muito prazer, com muita satisfação qualquer crítica....”¹⁸

O povo ao qual Vasconcelos Costa se refere em seu depoimento, são os empresários e outras figuras de destaque na cidade. São relações marcadas pela cordialidade e possíveis interesses mútuos, que encobriam divergências políticas. Nada que uma boa conversa no Bar da Mineira, na principal avenida da cidade, não pudesse resolver.

¹⁸ Idem. Ibidem. p.9

Emp. Ciné Teatro Uberlândia

S.E.S.

Aprovação de programa

Mais uma vez veremos os «3 Valentes» nas mais arriscadas aventuras, em —

Mina Misteriosa

com Robert Levingston, Bob Steele e Raymond Hatton.

Ainda - continuação da série —

DOMINADOR DAS SELVAS

com Rin-Tin-Tin Jr. e «Rex» o cavalo sábio.

Sábado — Um dinamico e arrebatador super-drama da Aviação!

SACRIFICIO DE PAI

com Pat Óbrien, Glenn Ford e Evelyn Keyes

Quem se converte em idolo da multidão, terá que viver pensando na opinião pública... Ai daquele que, assim, cede às fraquezas humanas! Rolara por terra com seu pedestal, abatido para sempre, ferido de morte! Um romance que floresce entre mil vicissitudes, em meio a gestos diários de audácia, e que é coroado de louros pelo destino. Cenas eletrizantes! Um avião que se parte ao meio em pleno voo... Experiências arrebatadas... e um belo caso de amor e sacrifício!

Atenção! —

D'ORAVANCE AOS DOMINGOS, as 1/2 entradas só terão valor para ESTUDANTES, pagando as crianças uma entrada.

CAPÍTULO III

O Conteúdo da Programação

Na década de 40, é inegável a popularidade do cinema. Inimá Simões, em seu artigo para o número 47 da revista *Filme Cultura* apresenta um dado curioso acerca da atração dos cinemas na cidade de São Paulo:

“ Na década de 40 a população cresceu 60% enquanto o público de cinema evoluiu mais 83%. Na década seguinte a situação se inverte. A população continua crescendo a uma taxa constante (65% em 10 anos) e a frequência cinematográfica fica nos 27%, bem inferior à alcançada nos anos 40.”¹⁹

Nesse período, as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, pelos dados censitários do IBGE eram as únicas com mais de 500.000 habitantes. A população urbana do país representava 31,2% da população total. Com isto, o número de habitantes da zona rural era superior. E Uberlândia, ainda mais rural do que urbana, já apresentava alguns espaços de diversão pública, não ficando abaixo das duas maiores metrópoles do Brasil.

É como se o cinema – o CTU – em especial, nascesse com a ideologia da modernidade e com certo conteúdo singular, porque ali podia se escapar da monotonia da vida cotidiana, ao mesmo tempo em que se legitimava como espaço e contraponto à vida rural, inserindo a sociedade no contexto da vida social “urbanizada” e moderna.

O CTU era para o empresário Nicomedes Alves dos Santos uma atividade lucrativa, e o luxo e requinte do ambiente forjavam um comportamento social,

forçando os assíduos freqüentadores a investirem na aparência e na moral do bem viver, porque ali, naquele locus público, acontecia o grau de intensidade coletiva e moderna.

Newton Dângelo, em sua tese de doutorado, aponta que Uberlândia na década de 40 vivia o apogeu da freqüência aos cinemas:

“Em um quadro estatístico publicado na Uberlândia Ilustrada em 1940, a freqüência dos moradores de Uberlândia aos cinemas, além de ser maior que a dos circos e parques de diversões, é comparada ao Rio de Janeiro: enquanto a população da capital federal acolhia 14 vezes a população da cidade nos cinemas, a de Uberlândia lotava os cinemas numa proporção de 28 vezes sua população.”²⁰

Nesse sentido, a freqüência dos espectadores aos cinemas de Uberlândia servia como termômetro da bem sucedida atividade cultural, pondo em destaque a pluralidade sociocultural da convivência no espaço urbano próximo aos cinemas, por vezes tão citada e recorrente nas eloqüentes crônicas e reportagens presentes nos jornais da época.

No capítulo II – Nos bastidores dos Cinemas: tramas e jogos políticos, Luziano Macedo Pinto apresenta uma interpretação reveladora sobre o Cine Teatro Uberlândia: a inauguração, o espaço físico, a arquitetura, o mobiliário, a decoração e as relações entre Prefeitura e o proprietário Nicomedes Alves dos Santos:

“A história do cinema em Uberlândia fora marcada pelo monopólio quase que absoluto de dois empresários, o Sr. Nicomedes Alves

¹⁹ SIMÕES, Inimá. Anos 50: em São Paulo, a Cinelândia dá o tom. In: Filme Cultura, EMBRAFILME, rio de Janeiro, nº 47. p.62

²⁰ DÂNGELO, Newton. Aquele povo feliz que ainda não sonhava com a invenção do rádio. Cultura Popular, lazeres e sociabilidade urbana em Uberlândia – 1900/1940. In: Vozes da cidade; progresso, consumo e lazer ao som do rádio. Uberlândia, 1937/1970, p. 11

*dos Santos e o Sr. Joaquim Marques Póvoa, empresários bem sucedidos, que viam neste meio de diversão uma forma excelente de multiplicar o seu capital. Este monopólio era mantido pelo envolvimento entre os donos de cinemas e o poder público municipal, na concessão de alvarás, na cassação e proibição de funcionamento de alguns cinemas.*²¹

E mais adiante, o pesquisador aponta o sr. Nicomedes como sendo um “getulista roxo”, que teve a iniciativa de inaugurar uma foto do presidente Getúlio Vargas na sala de espera do CTU.

Considerando o CTU como um espaço de lazer, que atraía uma grande multidão para os seus 2.200 lugares, o depoimento do Sr. Joaquim César da Fonseca ilustra a capacidade que ele tinha de promover a sociabilidade e um “comportamento citadino” dos espectadores:

“No Cine Teatro Uberlândia, aliás podia prestar atenção, não se entrava em baixo, sem gravata... Então você tinha que ter gravata. Tem até uma piada, você sabe que no Rio também, isso é uma piada. “Cruzeiro, daquele Amigo da Onça, todo esfarrapado _____ e de gravata entrou, e o outro bem vestido atrás não entrou (risos). Você entendeu? Então era gravata. Agora, o povo daqui vestia muito bem, era famosa a cidade. Vestia muito bem e...^a.. e tinha a galeria, você pagava mais barato, ou não precisava de ...gravata, nada. Em baixo, você não entrava sem gravata. Pra começar, você tinha que ir ao cinema de gravata. (...)”²²

A gravata, como símbolo dessa convenção do correto e da boa moral para a freqüência aos cinemas também acaba por se transformar numa espécie de desejo tácito, um costume, que possibilita retirar ou remover o caráter insuspeitável da aparência e da origem das pessoas. Um “código velado de posturas”, que disciplinava a maneira de se portar e de se vestir para ser aceito

²¹ PINTO, Luziano Macedo. Sociabilidade de matinés”: cinema em tempos de modernidade – Uberlândia (1937 – 1952), 1997, Monografia p.73

no CTU: os homens de gravata e as mulheres bem vestidas. Para ir ao CTU é preciso se desfazer e se despir da sua origem, da sua labuta de trabalho e se preparar para o divertimento.

Ao nos depararmos com um conjunto relativamente expressivo de programas do CTU no Arquivo Público, chamou-nos a atenção o conteúdo da programação.

Para melhor analisar o conjunto documental, distinguimos duas abordagens: o conteúdo propriamente dito da programação e a filmografia, analisada no seu aspecto relativo à forma de apresentação nos folhetos e a origem da produção.

O Conteúdo da Programação

Os temas recorrentes nos folhetos são os seguintes: drama, musical, “western”, comédia, guerra, policial, aventura e terror. Desse universo, três temas são mais frequentes: os dramas, os musicais e os “westerns”.

Como exemplo, podemos citar os filmes: “Quando a Noite Cai”(drama, com John Garfield, Ida Lupino); Du Barry era um pedaço (musical com Red Skelton, Lucille Ball, Gene Kelly) Vaqueiros Intrépidos (western com Charles Starret.

Havia sessões todos os dias da semana que eram, normalmente, compostas por ordem de exibição da seguinte forma: um jornal com notícias nacionais, outro com informações sobre a guerra e, finalmente, o filme.

²² FONSECA, Joaquim César da Fonseca. Projeto Depoimentos. Arquivo público Municipal, p.47.

Nos dias de semana, as sessões eram às “8 horas ” da noite. Aos domingos, haviam as vesperais que começavam a “1h30” da tarde e nas quais eram exibidos: um jornal com notícias nacionais, um noticiário sobre a guerra, produzidos pelos estúdios cinematográficos (Metro, Fox ...) ou um filme de curta metragem de caráter educativo ou uma comédia curta, e finalmente o filme de longa metragem. Não se esquecendo as séries ou seriados que obrigavam os espectadores a voltarem ao cinema para acompanhar o desenrolar da trama.

*“Domingo, 24 de setembro de 1944
Cine Teatro Uberlândia, 1,30hs – Éden Cinema – 1, 30hs
Vespéral Cinematográfica
1.0 A Voz do Carnaval – nacional
2.0 Noticiário Universal – Com as mais recentes
reportagens da guerra
3.0 Louco por Cachaça – Gosadíssima comédia em 2 partes
4.0 Um divertimento completo! Uma comédia como poucas!
Um Rapaz Decidido
Com Joe E. Brown (o boca larga) Marguerite Chapman...
Ainda – continuação da série **Serviço Secreto***

À noite, havia duas sessões, às “6,30” e às “8,45”.

Além das sessões normais, eram criadas algumas especiais como a “elegante” sessão das moças e o dia dedicado aos operários de Uberlândia.

Considerando o volume do material referente às exhibições cinematográficas de 1944, podemos afirmar que a programação era intensa, sublinhando a importância do cinema e em especial do Cine Teatro Uberlândia.

Uma outra curiosidade é que eu o mesmo filme exibido no CTU era também programado para o Cine Éden, também de propriedade do Sr. Nicomendes Alves dos Santos.

A Filmografia

Nelson Werneck Sodré em *Síntese de História da Cultura Brasileira*, discorre sobre o cinema brasileiro no século XX, indo sua análise até os anos 70, apresentando os problemas, as conquistas e os esforços em prol do cinema nacional, tanto por parte dos cineastas quanto do Estado.

É dele a seguinte afirmação:

“Até a Primeira a Guerra Mundial, quando o cinema estava na infância, consumimos preponderantemente filmes europeus; daí por diante, passamos a constituir um dos grandes mercados da indústria cinematográfica norte-americana. Já em 1921, Amador Santelmo podia escrever, com veracidade: “Na indústria do filme, o Brasil ainda dorme envolto em faixas, sem saber balbuciar uma palavra, e no mercado de exibições é um dos grandes importadores a enriquecer fábricas estrangeiras” ²³

Outra particularidade concerne à origem da produção cinematográfica. Do ponto de vista do mercado, essa programação parece responder pela presença pouco expressiva dos filmes nacionais e europeus, acentuando o caráter comercial “mais agressivo” do cinema norte-americano, que acaba por impor um padrão de exibição adotado no Brasil, conforme nos mostram os folhetos da programação do CTU.

A C.Gomes de Mattos apresenta em seu livro *A Outra Face de Hollywood: Filme B* o modelo americano, cuja influência se faz notar também nos cinemas brasileiros.

²³ SODRÉ, Nelson Werneck. *Síntese de história da cultura brasileira*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, p.80

“ Hollywood sempre fez filmes de orçamento baixo, mas a designação “B” se originou nos anos 30 com o incremento do programa duplo.

Este consistia em um filme principal classe A e um filme mais barato classe B, ou em dois filmes de orçamento médio, ou mesmo em dois filmes B, acompanhados por um cine-jornal, um curta-metragem (que podia ser um desenho animado ou nos gêneros comédia, musical, esportivo, turístico, curiosidade etc.) e um ou dois trailers.”²⁴

O folheto, em formato padrão 20cmx14cm, era impresso em papel jornal, e, em sua maioria, só não anverso. Em alguns casos, no verso também. Nem todos continham cenas dos filmes. No próprio folheto vinha impresso o nome da Tipografia Pavan.

Os títulos vinham em destaque, em cor preta acompanhados de um release ou resumo do filme. A linguagem sempre num tom apelativo, caracterizava a película, de modo a criar suspense e mistério para a narrativa filmográfica. A estratégia era a de sensibilizar os espectadores fiéis e atrair novos, fornecendo informações, suscitando-lhes a curiosidade, utilizando frases bombásticas e expedientes lingüísticos, tais como reticências, aspas, exclamações, interrogações. Como é o caso dos textos apresentando os filmes *O Mistério de Maria Rodget* e *A Lua a seu Alcance*:

QUARTA-FEIRA - O primeiro filme de Frank Sinatra! O cantor de voz maravilhosa que arrebatou as pequenas do mundo inteiro!

A LUA A SEU ALCANCE

com Michele Morgam, Jack Haley, Frank Sinatra e Leon Errol

O homem que faz chorar todas as “Girls” da América! Agora no seu verdadeiro “debut” para o cinema!

UMA PEQUENA BONITA... A LUA... E UMA VOZ MARAVILHOSA CANTANDO AS MAIS LINDAS CANÇÕES DE AMOR!

Quinta-Feira :- EM VESPERAL

**Grandiosa Vespéral Cinematográfica
fica com um ótimo Programa.**

Cine-Teatro Uberlândia FONE - 1-2-8-0	Cine T. Uberlândia DIREÇÃO DE NICOMÉDES ALVES DOS SANTOS	Eden Cinema FONE - 1-1-2-1
---	--	--------------------------------------

Hoje 5.a Feira 28 de Setembro de 1944 Hoje

A Empresa reserva o direito de alterar o presente programa em caso de força maior, e de vedar a entrada a quem julgar conveniente.

Elegante Sessão das Moças

Cine-Teatro Uberlândia 8 hs —o— Eden Cinema 7,30 hs

- 1.o - Cine Jornal Brasileiro - 3x43
- 2.o - Pathé News com recontissimas notícias da guerra
- 3.o - Invenção do Barulho - Desenho;
- 4.o - Um drama emocionante baseado na famosa novela de EDGAR ALLAN POE

O Mistério de Maria Roget

com Maria Montez, Patrick Knowles, Maria Guspenskaya e John Littel.

Será esta mulher alucinante, a cruel assassina? Sómente uma fêra seria capaz de cometer crime tão medonho... porém... tudo indica que foi a mulher mais alucinante de Paris, a criminosa! Um segredo misterioso e indecifrável... a Polícia anda à procura do misterioso assassino de Maria Roget!

Maria Roget era o ídolo de Paris, mulher jovem, deliciava os frequentadores das comédias musicais com sua voz maviosa e suas danças exóticas. Sem dar satisfação alguma ela havia desaparecido misteriosamente da noite para o dia. O rio Sena trouxera à tona o corpo de uma mulher que há tanto tempo tinha escondido. O Dr. Dupin, médico legista, ao examinar o cadáver, sentiu o coração estremecer... Era, sem dúvida...

No C. T. Uberlândia: - Profusa distribuição de amostras do afamado dentífrico "KOLYNOS".

— Preços - C. T. U. 3,00 - 2,00 - Balcão, 1,00 - Eden - 2,00 - 1,00
 C.T.U. Snras e Snrls - 2,00 — EDEN - Snras e Snrls - 1,00

AMANHÃ — As mais incríveis proezas de **CHARLES STARRETT**

Vaqueiros Intrépidos

Não perca as mais sensacionais aventuras do querido «cow-boy» agora em luta contra os mais terríveis bandidos do Oeste Americano!

Ainda - continuação do empolgante seriado —

AVENTURAS DE REX-RINTY

com Rin-Tin-Tin Jr. e o sábio cavalo «REX»

Tip. PAVAN—Uberlândia

Outra função do CTU, além da exibição dos filmes, era se tornar o palco das novidades, o palco de atrações as mais diversas, tais como a propaganda de produtos e outras de caráter artístico-culturais: "profusa distribuição de amostras do afamado dentifrício Kolynos"; "Conferência do grande poeta paulista Rossine Camargo Guarnieri (em benefício da Bolsa Uberlandense de Estudos)"; "Espetáculo do Professor Zé Bacurau, grande humorista brasileiro, artista exclusivo da Rádio Tupi do Rio de Janeiro."

Cine-Teatro Uberlândia FONE - 1-2-8-0	Cine T. Uberlândia DIREÇÃO DE NICOMEDES ALVES DOS SANTOS	Eden Cinema FONE - 1-1-2-1
---	--	--------------------------------------

Hoje — Domingo, 3 de Dezembro de 1944 — Hoje

A Empresa reserva o direito de alterar o presente programa em caso de força maior, e de vedar a entrada a quem julgar conveniente.

VESPERAL CINEMATOGRAFICA

Cine Teatro Uberlândia - 1,30 hs. — Eden Cinema - 1,30 hs.

1.º—Cineândia Jorنال 13 - Nacional
 2.º—Noticiário Universal - Novidades da Guerra.
 3.º—Raposa Boateira - Desenho - Walt Disney
 4.º—O filme que marcará a nova era do cinema Brasileiro!

Moleque Tião

com Grande Othelo, Custódio Mesquita, Hebe Guimarães e outros.

Em "Moleque Tião" Grande Otelo vive a própria história de sua vida! Uma história bem nossa, vivida de forma sensacional e arrebatadora, por um elenco de valores!

Ainda - continuação da série — **Os Tambores de Fú-Manchú**

No palco. Espetáculo de despedida do Prof. **ZÉ BACURAU**

— Preços - C. T. U. 2,00 - 1,00 - Balcão, 1,00 - Eden - 1,00 —

— À Noite! C. T. U. 2 sessões 6,30 - 8,30 - Eden - Sessão Única - 7,30

1.º—Imagem D'Amanhã - 66 - Nacional - 2.º—Notícias do Dia - Jornal da Metro - com recentíssimas notícias da guerra. 3.º—Raposa Boateira - Desenho de Walt Disney - 4.º—Um filme de cores, de música, piadas tudo proporcionando alegria, com um ar de festa e júbilo!

DU BARRY ERA UM PEDAÇO

De apresentação luxuosa, em cenários amplos e de grande efeito, este filme proporciona durante o seu transeuro a visão de vistosos quadros de revista, cuja beleza é ainda realçada pelo extraordinário e brilhante colorido!

Um desfile grandioso de beleza e juventude! A comédia musical das mil e uma emoções!

Preços

C. T. U.
4,00 - 2,00
- Balcão -
1.ª sessão
4,00 - 2,00
- Balcão -
2.ª sessão
— 2,00 —
- Eden pre-
ço Único -
— 2,00 —



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerações Finais

Há pouco tempo, reabriram as portas do Cine Regente, último exemplar , a cidade, das grandes salas de exibição cinematográfica do passado. Apesar de exibir o mesmo filme que era apresentado nos cinemas do shopping, a um preço mais barato, o Regente fechou mais uma vez, pelo jeito para sempre.

Assim como o Cine Regente, o Cine Teatro Uberlândia pertence a um modo de vida e a uma forma de comportamento da sociedade que ficaram no passado.

O CTU representou um símbolo de modernidade no imaginário coletivo local. E o que era moderno e arrojado antes acabou se tornando antigo, obsoleto, um estorvo para os novos tempos de progresso que iriam desaguar no que estamos vivendo hoje.

O centro da cidade, nas áreas próximas aos cinemas, fervilhavam de transeuntes, que gravitavam também pela praça Tubal Vilela e se concentravam na calçada das salas de exibição . Com o tempo, o ato de passear no centro e ir ao cinema foi transferido para os shoppings. Um local mais seguro, claro, limpo, onde numa mesma tarde ou noite, pode-se fazer compras, namorar, comer e ainda escolher um filme para assistir entre as inúmeras salas disponíveis.

O que antes era moderno se tornou inviável pela absoluta falta de segurança e pelas novas exigências de mercado.

Onde antes existia um palácio , agora existe um banco.

O Cine Teatro Uberlândia fica eternizado nas memórias.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia

Ilustrações

Fotos do Cine Teatro Uberlândia - Arquivo Público Municipal

Folhetos de Programação do CTU – Arquivo Público Municipal

Jornais

Jornal “O Repórter” Uberlândia, 1944

Projeto Depoimentos – Arquivo Público Municipal

DÂNGELO, Newton. Aquele povo feliz que ainda não sonhava com a invenção do Rádio. Cultura popular: lazeres e sociabilidade urbana Uberlândia –1900/1940
In: **Vozes da cidade; progresso, consumo e lazer ao som do rádio, 1939/1970.**

CANCELLI, Elizabet. O contrapiso da violência. In: _____. **O mundo da violência; a polícia na era Vargas.** Brasília, UNB, 1994 .

Legislação Federal de 1942 e de 1946.

MATTOS, A C. Gomes de. **A outra face de Hollywood : filme B.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2003.

OLIVEIRA, Luiz Cláudio Silva. **Processo de urbanização de Uberlândia.** Texto de Arquivo da Secretaria Municipal de Cultura. s/d.

PINTO, Luziano Macedo. **Sociabilidade de “matinéés”: cinema em tempos de Modernidade – Uberlândia (1937 – 1952).**Uberlândia, 1977. Monografia.

ROLNIK, Raquel. O Lazer humaniza o espaço urbano. In: **Lazer numa sociedade Globalizada.** SESC, São Paulo, 2000.

SIMÕES, Inimá. Anos 50: Em São Paulo, a Cinelândia dá o tom. In: **Filme Cultura.** EMBRAFILME, Rio de Janeiro, n 47, agosto de 1986.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Síntese de história da cultura brasileira.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

SCAVONE, Lucila et alli. **A dimensão política da comunicação de massa.** Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1975.